

A língua do Evangelho segundo Marcos no códice grego da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

*Paulo José Benício
(Universidade Presbiteriana Mackenzie)*

Resumo

O mais antigo manuscrito pertencente à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro é um códice em pergaminho, escrito com caracteres minúsculos, contendo os quatro Evangelhos e datado do século XII. Foi doado àquela instituição em 1912, por João Pandiá Calógeras, conhecido intelectual e político brasileiro, de ascendência grega. Em 1953, Kurt Aland repertoriou-o, atribuindo-lhe o número 2437. Neste trabalho, serão analisadas feições lingüísticas e manuscritológicas do Evangelho segundo Marcos nesse documento.

Palavras-chave: a língua do Evangelho segundo Marcos, tradução, comentários lingüísticos, históricos e paleográficos.

Abstract

The most ancient manuscript belonging to the Rio de Janeiro National Library is a twelfth-century parchment codex, written in minuscules, which contains the four gospels. It was donated to that institution in 1912 by João Pandiá Calógeras, a well-known Brazilian intellectual and politician with a Greek heritage. In 1953, Kurt Aland cataloged it, ascribing the number 2437 to it. Here philological and manuscriptological aspects of the Gospel according to Mark in this document are object of analysis.

Key words: the language of the Gospel according to Mark, translation, palaeographic, historical and linguistic commentaries.

A modo de introdução

Na história da tradição manuscrita do Novo Testamento grego, salvo as pesquisas de Kirsopp Lake, com respeito à chamada família 1, e as de William Ferrar, referentes à cognominada família 13, existem ainda muito poucos trabalhos sobre cada um dos manuscritos disponíveis. Mesmo Kurt Aland e Bruce Metzger, duas das mais destacadas autoridades do século passado, no campo da Baixa Crítica Neotestamentária, e também defensores incansáveis do texto alexandrino, admitem a generalidade das classificações atualmente empregadas para as diferentes lições cujos critérios, todavia, somente poderão ser avaliados com precisão através do *estudo individual* dos muitos documentos existentes.¹ Em primeiro lugar, pelo valor material e histórico desses documentos; em segundo, pela importância filológica que venham a possuir, confirmando leituras presentes em outros exemplares ou confrontando variantes. E, por fim, da perspectiva do que hoje se conhece como *crítica genética*: o texto que cada códice traz não deixa de constituir uma lição única – e foi nessa condição que ele esteve nas mãos de sucessivas comunidades como uma leitura autorizada dos evangelhos.

Em função disso, pretende-se, nesta porção do trabalho, estudar traços lingüísticos do *Evangelho segundo Marcos* tal qual ele foi transmitido pelo ***códice grego da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro***, fonte textual ímpar na tradição manuscrita do Novo Testamento; isso tendo em vista tratar-se do mais antigo documento e do único manuscrito em língua grega de cuja existência se tem conhecimento na América Latina.

¹ Para uma avaliação dos principais métodos utilizados por editores do Novo Testamento grego na classificação das incontáveis variantes, cf. ALAND / ALAND, 1989: 3-47, METZGER, 1992: 156-185.

A linguagem figurada

No tocante à linguagem figurada, três particularidades distinguem a maneira de Marcos registrar os acontecimentos concernentes à vida e obra do *filho de Deus*. São elas: as construções frasais se fazem por intermédio de ligações, mudam de maneira brusca (*anacoluto*) e apresentam redundância de termos (*pleonasma*).

O emprego de conectores: Espalhadas pelo Segundo Evangelho, não somente nas porções narrativas, mas também naquelas que trazem registrados os diálogos de Jesus, as conjunções καὶ (*e*), δέ (*mas*), γάρ (*porque, pois*) e ὅτι (*que, porque*) apontam para a rapidez, vivacidade e expressividade com que Marcos redige sua obra. Vejam-se estes três exemplos:

ὅς γὰρ ἂν ποιήσῃ τὸ θέλημα τοῦ θεοῦ, οὗτος ἀδελφός μου καὶ ἀδελφή καὶ μήτηρ

ἐστίν,

Quem quer, pois, que faça a vontade de Deus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe (cf. 3,35);

πολλοὶ γὰρ ἐλεύσονται ἐπὶ τῷ ὀνόματί μου λέγοντες ὅτι ἐγὼ εἰμι, καὶ

πολλοὺς πλανήσουσιν,

Porque muitos virão em meu nome dizendo: Eu sou (o Cristo); e enganarão a muitos (cf. 13,6);²

ὁ δὲ Ἰησοῦς εἶπεν, ἀφετε αὐτήν· τί αὐτῇ κόπους παρέχετε; καλὸν ἔργον

εἰργάσατο ἐν ἐμοί,

Mas Jesus disse: Deixai-a; por que a criticais? Ela me fez uma boa obra (cf.14,6).

² Cf. outros exemplos em 1,27;2,21;8,15;9,24.38;10,27.29;12,24;13,34;16,6.

Uma das poucas exceções a essa constatação pode ser exemplificada com o trecho respeitante à ressurreição da filha de Jairo. Chegando à casa da família enlutada e vendo o alvoroço causado pela morte da menina, o *Salvador* bradou:

τὸ παιδίον οὐκ ἀπέθανεν,

A criancinha não morreu (cf. 5,39).

Aqui a omissão da conjunção coordenativa explicativa γάρ pode ser explicada pela preocupação do escritor em realçar a autoridade e o poder com que o *Messias* lidou com a situação por demais embaraçosa.³

O anacoluto: As construções truncadas ou incompletas, indicando movimento rápido de pensamento e ação, são uma outra marca deste evangelho. Ainda aqui se pode usar como exemplo a porção referente à ressurreição da filha de Jairo: angustiado, ele interrompeu a exposição do estado de saúde de sua filhinha,

λέγων ὅτι τὸ θυγάτριον μου ἐσχάτως ἔχει,

Dizendo: A minha filhinha está nas últimas,

a fim de suplicar ao *Servo Sofredor*,

καὶ παρακαλεῖ αὐτὸν πολλὰ,

E lhe roga muito,

³ A ausência do conectivo é muito comum nos manuscritos da tradição alexandrina onde, em geral, as leituras são rebuscadas e mais próximas da maneira ática de expressão. Essa tradição é representada principalmente pelos unciais κ e B.

a restauração que a ela era devida:

ἵνα ἐλθὼν ἐπιθῆς τὰς χεῖρας αὐτῆ ὅπως σωθῆ καὶ ζήσῃ,

Que venhas, e lhe imponhas as mãos, para que seja curada e viva (cf. 5,23).⁴

É oportuno se fazer, todavia, a seguinte ressalva: em alguns lugares, onde se imagina encontrar o anacoluto, deve-se saber que tais textos formam a base de expressões parentéticas ou explicativas, não podendo então ser considerados como meros trechos inacabados, fruto da artificialidade ou do desconhecimento lingüístico do autor. Isso ocorre, por exemplo, quando Jesus, depois de repreender publicanos e fariseus (que condenavam seus seguidores por comerem sem lavar as mãos como ensinava a tradição dos anciãos), chamou a atenção dos próprios discípulos sobre a realidade e a seriedade da impureza do coração humano (cf. 7,18.19a):

καὶ λέγει αὐτοῖς, οὕτως καὶ ὑμεῖς ἄσυνετοι ἐστε; οὐ νοεῖτε ὅτι πᾶν τὸ
ἐξωθεν εἰσπορευόμενον εἰς τὸν ἄνθρωπον οὐ δύναται αὐτὸν κοινῶσαι,

*Então lhes disse: Assim vós também não entendeis? Não compreendeis que
tudo o*

que de fora entra no homem não o pode contaminar,

ὅτι οὐκ εἰσπορεύεται αὐτοῦ εἰς τὴν καρδίαν ἀλλ' εἰς τὴν κοιλίαν, καὶ εἰς
τὸν

ἀφροῶνα ἐκπορεύεται;

Porque não lhe entra no coração, mas no ventre, e sai para lugar escuso?

⁴ Cf. casos similares em 4,26;7,2-5;13,34;14,49.

O autor do Segundo Evangelho, então, na preocupação de reforçar as palavras e justificar a atitude de Cristo, faz uma breve elucidação sobre os costumes judaicos respeitantes aos ritos de purificação (cf. 7,19b):

καθαρίζον πάντα τὰ βρώματα,

*Purificando todos os alimentos.*⁵

O pleonasmos: Marcos se vale muito das negações duplicadas, tais como: μηκέτι μηδὲ (*não mais... nem mesmo*), μὴ μήτε (*não... nem*), οὔτε οὐδεὶς (*não mais... ninguém*), οὐκ οὐδένα (*não... ninguém*), οὐκ οὐδεμίαν (*não... nenhuma*), οὐκέτι οὐδὲν (*não mais... nada*) e οὐδενὶ οὐδὲν (*ninguém... nada*).⁶

Além disso, ele também se mostra, em alguns trechos do seu evangelho, bastante redundante. Testifique-se esse aspecto do seu modo de escrever com os exemplos abaixo:

καὶ λέγει αὐτοῖς ἄγωμων εἰς τὰς ἐχομένους κωμοπόλεις, ἵνα καὶ ἐκεῖ

κηρύξω· εἰς τοῦτο γὰρ ἐξελήλυθα,

E lhes diz: Vamos aos povoados vizinhos, para que ali também pregue; pois, para

isso vim (cf. 1,38);

ἐλεύσονται δὲ ἡμέραι ὅταν ἀπαρθῆ ἀπ' αὐτῶν ὁ νυμφίος· καὶ τότε νηστεύσουσιν

ἐν ἐκείναις ταῖς ἡμέραις,

Virão, porém, dias quando será tirado deles o noivo, e então, naqueles dias,

jejuarão (cf. 2,20).⁷

⁵ Cf. exemplos semelhantes em 7,3.4;11,32.

⁶ Cf., a título de exemplo, 2,2;3,20;5,3.37;6,5;7,12;9,8;16,8.

⁷ Cf. exemplos similares em 1,32.35.45;10,30;13,29.

Isso não deve causar estranheza, já que todo o seu livro, ao contrário do que ocorre em passagens mais rebuscadas dos escritos de Lucas, da Carta de Tiago, da Epístola aos Hebreus e das Cartas de Pedro, evidencia indubitáveis afinidades com a língua falada, tal como se lê nas inscrições e papiros antigos encontrados no Egito (no período de 1897 a 1907).

Os diminutivos e os termos latinos

No Evangelho consoante Marcos, os diminutivos e os termos latinos devem ser aquilatados de modo acurado e cauteloso; isso para se evitar que sejam aceitas idéias absurdas como a que defende a redação de um original latino posteriormente traduzido para o grego helenístico.⁸

Os diminutivos usados por Marcos são: θυγάτριον, *filhinha* (cf. 5,23;7,25⁹), ἰχθύδιον, *peixinho* (cf. 8,7), κοράσιον, *mocinha* (cf. 5,41.42;6,22.28), κυνάριον, *cachorrinho* – talvez no sentido de animal de estimação (cf. 7,27.28), παιδίον, *menininha* (cf. 5,39.40.41;7,28.30;9,24.36.37;10,13.14.15), πλοιάριον, *barquinho* (cf. 3,9), σανδάλιον, *sandália* (cf. 6,9), ψιχίον, *migalha* (cf. 7,28) e ὠτάριον, *orelha* (cf. 14,47).

Deve-se, porém, entender que, ao empregar a palavra ὠτάριον, ele não está querendo dizer que a orelha do servo do sumo sacerdote seja particularmente pequena. Talvez Marcos aluda à “excisão” do lóbulo da orelha.

O mesmo acontece com a utilização das formas diminutivas θυγάτριον, κοράσιον e παιδίον, as quais, muito provavelmente, indicam afeto, carinho, não se

⁸ Uma discussão pormenorizada do assunto em pauta pode ser examinada em ROBERTSON, 1934: 108-111, 118-119.

⁹ Em 7,25, o copista responsável pelo manuscrito da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro cometeu um erro involuntário e grafou a palavra θυγάτριον assim: γάτριον. Esta variante contraria o testemunho dos documentos p⁴⁵, s, B, A, D, Θ, f¹ e f¹³, entre muitos outros. Aqui a Vulgata emprega o termo *filia*.

referindo, portanto, às respectivas faixas etárias das pessoas em questão. Assim é procedente chamar a atenção para o fato de que o uso do diminutivo, pelo menos nos casos supracitados, além de se inserir nos traços próprios da língua falada e escrita pelos gregos nos países do Mediterrâneo oriental durante os períodos helenístico e romano, mais uma vez, alvitra a singeleza do Segundo Evangelho.

Os nomes de origem latina seja na esfera da administração, seja no campo militar ou oficial, utilizados por Marcos compreendem: δηνάριον, *dēnāriū*, *denário* (cf. 6,37; 14,5), κεντυρίων, *centuriō*, *centurião* (cf. 15,39.44.45), κοδράντης, *quadrāns*, *quadrante* (*um quarto da moeda de cobre “as”*; o quadrante era uma moeda romana de pouquíssimo valor - cf. 12,42), λεγεὼν, *legiō*, *legião* (cf. 5,9.15), ξέστης, *urceus*, *jarra* (cf. 7,4), e σπεκουλάτωρ, *speculātor*, *executor* (cf. 6,27); o verbo φραγελλῶω, *frangō*, *arçoitar* (cf. 15,15) também é usado por ele.

E, dentre o que foi citado, κεντυρίων, ξέστης e σπεκουλάτωρ pertencem exclusivamente à sua pena; acrescente-se ainda que somente Marcos emprega as seguintes frases de procedência latina:

ἐσχάτως ἔχει, *in extremis esse*,

Está nas últimas (cf. 5,23);

ῥαπίσμασιν αὐτόν ἔλαβον, *verberibus eum acceperunt*,

Receberam-no a tapas (cf. 14,65);

τὸ ἱκανὸν ποιεῖν, *satisfacere*,

Satisfazer (cf. 15,15);

τιθέντες τὰ γόνατα, *genua ponere*,

Colocando os joelhos (cf. 15,19).

Os latinismos não somente evidenciam que o Segundo Evangelho foi redigido num ambiente romano (talvez na Itália) - ou pelo menos que o seu autor estava familiarizado com o mundo latino - como também indicam diversos pontos de contato entre as línguas grega e latina.¹⁰ Uma outra provável razão para a proveniência romana do evangelho em análise é a seguinte: as alusões a *sofrimento*. Atente-se, neste caso, para o tão conhecido convite do *Servo Sofredor* em Marcos 8,34b:

ὅστις θέλει ὀπίσω μου ἐλθεῖν, ἀπαρνησάσθω ἑαυτὸν καὶ ἀράτω τὸν σταυρὸν αὐτοῦ καὶ ἀκολουθείτω μοι,

Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e me siga.

Tal constatação não deixa de ser apropriada, uma vez que Marcos o teria redigido sob a sombra de causticantes perseguições à igreja em Roma (no meado da década de 60).

Os aramaísmos (os hebraísmos)

Com a possível exceção de Lucas, é bem provável que todos os autores dos livros que integram o cânon neotestamentário fossem de procedência judaica; logo, pessoas que, embora falando e escrevendo o grego, possuiriam como língua de berço o aramaico, idioma que lhes marcaria o modo natural de expressão, influenciando no seu vocabulário e nas suas categorias básicas do pensar, moldando-lhes também, em vasta medida, o estilo.

¹⁰ Sobre latinismos no Novo Testamento, cf. BIASS / DEBRUNNER / REHKOPF, 1990: 6-9.

Daí, poder-se afirmar, com propriedade, que o Novo Testamento é um livro cuja alma é hebraica, ao mesmo tempo em que o corpo é helênico, ou melhor, um livro em que o corpo semita se exhibe em roupagem grega.

Em se tratando, particularmente, do Evangelho conforme Marcos, não há de se minimizar a base semita no léxico, na fraseologia, no conteúdo, nas formas de expressão e nos modismos lingüísticos. Tais características têm levantado a hipótese de um original aramaico ou pelo menos da existência de fontes aramaicas. De acordo com M. Black, a influência aramaica no grego de Marcos, em particular nas sentenças proferidas por Jesus, chama a atenção para uma coleção aramaica de ditos, coleção essa usada por ele na redação do seu livro.¹¹ Uma outra opinião bastante difundida é a de que o grego empregado no Segundo Evangelho se caracteriza como um “grego de tradução” / “translation Greek”, uma vez que parece reproduzir uma *κατήχησις* aramaica.¹² Existe ainda a possibilidade de se admitir a influência de Pedro na linguagem de Marcos; isso com base na hipótese de que este, como *tradutor* ou *intérprete* (ἑρμηνευτής) daquele (que fora testemunha ocular da vida e ministério de Jesus Cristo), haveria redigido um volume com suas *memórias (memoirs)*, e esse volume teria servido como base para o Evangelho.¹³ Apesar de as inferências dessas posições serem motivo de acirrado debate até hoje, é fato inegável que o grego de Marcos possui um sabor semita inconfundível. Assinalar-se, porquanto, como admissíveis aramaísmos, neste evangelho, constitui o objetivo das próximas linhas.

Os termos e as formas: Significativos são os seguintes: *ἄββᾶ*, oriundo do aramaico *aBa*, sempre acompanhado do aposto traducional *ὁ πατήρ* - *Pai* (cf. 14,36); *ἄμην*, partícula interjectiva, simples transliteração da forma adverbial *!mea, de fato, em*

¹¹ Cf. BLACK, 1967: 271-272.

¹² Cf. MOULTON / HOWARD, 1929: 413.

¹³ A hipótese tem como fundamento uma afirmação de Irineu (II século), na sua obra *Adversus Haereses*, III, 1,1 (segundo Eusebius Pamphilus, *The Ecclesiastical History*, V, 8). Cf. CRUSE, 1989: 187-188.

verdade (cf., a título de exemplo, 3,28; 8,12; 9,1.41; 11,23; 14, 9.18.25.30); Βοωνηργές, tomado do aramaico, vgr nb, apelativo outorgado por Jesus aos inflamados discípulos, seguido da cláusula explicativa, ὃ ἐστὶν υἱοὶ βροντῆς, *o qual é: filhos de trovão* (cf. 3,17); Γολγαθᾶ, forma adaptada do aramaico aTIGIG, elucidada pela frase κρανίου τόπος, *calvariae locus* (vd. esta expressão na Vulgata), *lugar do crânio* (cf. 15,22); ἐφφαθά, inflexão adaptada do aramaico xtPta e traduzida pelo primeiro aoristo passivo imperativo διανοιχθητι, *abre-te* (cf. 7,34); κορβᾶν, empregado na acepção natural da palavra hebraica !brq, que se traduz como *dom, oferta* (cf. 7,11); οὐρανοί, oriundo da palavra hebraica עֲרֻבָּי, *lugar da habitação de Deus, céus* (cf. 1,10;11,25;12,25;13,25); πάσχα, nome originado da forma aramaica axsp, *dispensa, isenção, passagem* (cf. 14,1.12.14.16); ῥαββί e ῥαββονί, originários de br e !Br, respectivamente, e traduzidos para a língua portuguesa como *rabi, meu grande / meu mestre e rabino, meu grande mestre* (cf. 9,5;10,51;11,21); ταλιθά κοῦμ, forma transliterada da expressão aramaica mq-atylj, *ovelhinha / cordeirinha, levanta-te* (cf. 5,41); ὤσαννά ou ὠσαννά (com espírito forte, no *códice grego da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, manuscrito 2437*), transliteração do aramaico na[vh, correspondente ao hebraico an h[yvh, cuja tradução é: *salva-me, (peço-te, por favor), agora* (cf. 11,9.10).¹⁴

Por fim, ressalta-se como advinda da língua aramaica a lancinante pergunta que o *Filho* dirigiu ao *Pai* poucos instantes antes da sua morte na cruz do Calvário:

אלהי אלהי למה שבחתי; Ἐλωϊ, Ἐλωϊ, λιμά σαβαχθανί;

Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste? (cf. 15,34).

¹⁴ O manuscrito D, arquetipo do texto ocidental, diferentemente do códice da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, não registra o termo ὠσαννά / ὠσαννά em Marcos 11,9.

O uso de εὐθύς¹⁵: É bastante provável que o emprego excessivo de εὐθύς, logo (que), imediatamente, no Segundo Evangelho, dê-se por influência da conjunção aramaica כִּתְּשָׁהּ, no momento. Observem-se os exemplos a seguir:

καὶ ἐξεληθόντος αὐτοῦ ἐκ τοῦ πλοίου εὐθέως ἀπήντησεν αὐτῷ ἐκ τῶν
μνημείων ἄνθρωπος ἐν πνεύματι ἀκαθάρτῳ,

*E, tendo ele saído do barco, imediatamente, foi-lhe ao encontro, dos sepulcros,
um*

homem com espírito imundo (cf. 5,2);

καὶ εὐθέως πᾶς ὁ ὄχλος ἰδὼν αὐτὸν ἐξεθαμβήθη, καὶ προστρέχοντες
ἠσπάζοντο αὐτὸν,

*E, logo, toda a multidão, tendo-o visto, ficou espantada, e correndo para ele,
saudava-o* (cf. 9,15).¹⁶

O vav consecutivo: Tanto o hebraico quanto o aramaico se distinguem pela seqüência de orações em coordenação, ou melhor: as inflexões sucessivas, postas lado a lado, são ligadas pela conjunção ו (vav), e. Esse tipo de construção se reflete, de modo acentuado, na estilística do Evangelho conforme Marcos, pela utilização da conjunção καὶ, em correspondência exata ao ו (vav) hebraico, especialmente, em função aditiva ou copulativa. Um exemplo típico do emprego do “vav consecutivo” em Marcos pode ser apreciado na perícopa da *Parábola do Semeador* (cf. 4,3-9):

¹⁵ O manuscrito da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro prefere a εὐθέως à forma εὐθύς.

¹⁶ Cf. 1,10.12.18.20.21.28.29.30.42.43;2,8.12;3,6;4,5.15.17.29;5,29.30.42;6,25.27.45.50.54;8,10;9,20.24;10,52;11,2.3;14,43.45;15,1.

ἀκούετε ἰδοὺ ἤξῃθην ὁ σπείρων τῶν σπείραι. καὶ ἐγένετο ἐν τῷ σπείρειν ὁ
μὲν ἔπεσεν παρὰ τὴν ὁδόν, καὶ ἦλθεν τὰ πετεινὰ καὶ κατέφαγεν αὐτό. ἄλλο δὲ
ἔπεσεν ἐπὶ τὸ πετρῶδες ὅπου οὐκ εἶχε γῆν πολλήν, καὶ εὐθέως ἐξανέτειλε διὰ
τὸ
μὴ ἔχειν βάθος γῆς· ἡλίου δὲ ἀνατείλαντος ἐκαυματίσθη καὶ διὰ τὸ μὴ ἔχειν
ρίζαν ἐξηράνθη. καὶ ἄλλο ἔπεσεν εἰς τὰς ἀκάνθας, καὶ ἀνέβησαν αἱ ἄκανθαι
καὶ
συνέπνιξαν αὐτό, καὶ καρπὸν οὐκ ἔδωκεν. καὶ ἄλλο ἔπεσεν ἐπὶ τὴν γῆν τὴν
καλὴν καὶ ἐδίδου καρπὸν ἀναβαίνοντα καὶ ἀυξάνοντα καὶ ἔφερεν ἕν
τριάκοντα
καὶ ἕν ἑξήκοντα καὶ ἕν ἑκατόν. καὶ ἔλεγεν, ὁ ἔχων ὦτα ἀκούειν ἀκουέτω,

Ouvi: Eis que o sementeiro saiu a semear. E aconteceu que semeando ele, uma parte

da semente caiu ao longo do caminho, e vieram as aves do céu e a devoraram.

E outra caiu sobre (solo) pedregoso, onde não havia muita terra, e logo nasceu, porque não havia terra profunda. Mas, saindo o sol, foi queimada; e porque não

tinha raiz, ficou seca. E outra caiu entre espinhos e, crescendo os espinhos,

sufocaram-na e não deu fruto. E outra caiu em boa terra e deu fruto, que vingou e

cresceu, produzindo a trinta, a sessenta e a cem por um. E lhes disse: quem tem ouvidos para ouvir, ouça (cf. 4,3-9).

Mais um caso dessa espécie de fraseologia pode ser comprovado com Marcos 6,1:

καὶ ἦλθεν εἰς τὴν πατρίδα αὐτοῦ, καὶ ἀκολουθοῦσιν αὐτῷ οἱ μαθηταὶ αὐτοῦ,
E partiu dali para a sua pátria, e os seus discípulos o acompanharam.

O paralelismo: Diferencia-se a poética dos hebreus pela *repetição de idéias ou termos em orações sucessivas* – a esse fenômeno se dá o nome de *paralelismo*. Ele ocorre não apenas em citações do Antigo, mas ainda em expressões diretas dos próprios autores do Novo Testamento; e, especialmente, do evangelista Marcos. Exemplo de paralelismo, conhecido, no caso, como *sinonímico (o conteúdo do primeiro membro é repetido com outras palavras no segundo)* fornece a citação de Isaías 40,3 em Marcos 1,3:

ἐτοιμάσατε τὴν ὁδὸν κυρίου, εὐθείας ποιεῖτε τὰς τρίβους αὐτοῦ,
*Aprontai o caminho do Senhor, fazei-lhe retas as veredas.*¹⁷

Um outro exemplo, desta feita, chamado de *antitético (o conteúdo do primeiro membro é elucidado por intermédio de uma oposição correspondente no segundo)* pode ser visto em Marcos 1,8:

ἐγὼ μὲν ὑμᾶς ἐβάπτισα ἐν ὕδατι· αὐτὸς δὲ βαπτίσει ὑμᾶς ἐν πνεύματι ἁγίῳ,
Eu, em verdade, batizo-vos com água; ele, porém, vos batizará com o Espírito Santo.

¹⁷ Cf. também 1,7;11,9.10.28; 13,4.

Caracteriza-se também como antiético o paralelismo encontrado em Marcos 15,29b:

οὐὰ ὁ καταλύων τὸν ναὸν καὶ οἰκοδομῶν ἐν τρισὶν ἡμέραις,

Ué! Tu que destróis o santuário e que (o) edificas em três dias!

O nexó de continuação: A fórmula de continuação καὶ ἐγένετο, muito comum nos trechos narrativos da Septuaginta e representando o hebraico וְ... אוּ... , e aconteceu que / ocorreu,¹⁸ é também bastante utilizada no Segundo Evangelho; dela se registram oito casos.

Verifiquem-se dois desses casos no capítulo 1, versículos 9 e 11 respectivamente:

καὶ ἐγένετο ἐν ἐκείναις ταῖς ἡμέραις ἦλθεν Ἰησοῦς ἀπὸ Ναζαρεθ τῆς

Γαλιλαίας καὶ ἐβαπτίσθη εἰς τὸν Ἰορδάνην ὑπὸ Ἰωάννου,

E aconteceu que, naqueles dias, veio Jesus de Nazaré da Galiléia e foi batizado por João no Jordão;

καὶ φωνὴ ἐγένετο ἐκ τῶν οὐρανῶν· σὺ εἶ ὁ υἱὸς μου ὁ ἀγαπητός, ἐν σοὶ

εὐδόκησα,

*E uma voz ocorreu dos céus: Tu és o meu filho amado, em ti me comprazi.*¹⁹

¹⁸ Detalhes sobre essa construção podem ser examinados em ZERWICK, 1963: 134 e154.

¹⁹ Cf. ainda 2,23; 4,4; 9,3.7.26;11,19. Nos versículos citados, o manuscrito da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro afasta-se de B; este maiúsculo, em geral, mostra a leitura ἐγένετο.

A oração infinitiva articulada regida de ἐν: É também abundante a oração temporal constituída da preposição ἐν, temporal, seguida da forma infinitiva articulada, em correspondência exata à similar hebraica integrada pela preposição ב, prefixada ao infinitivo construto verbal. Adequado exemplo dessa fraseologia dá-o Marcos 4,4, que é iniciado pela cláusula pretérita καὶ ἐγένετο - *e foi / aconteceu que* -, seguida da infinitiva temporal ἐν τῷ σπείρειν - *no semear / quando semeou*, correspondendo aquela a יהי e esta a בזרען. Um outro exemplo dessa espécie de construção pode ser examinado em Marcos 6,48:

καὶ εἶδεν αὐτοὺς βασανιζομένους ἐν τῷ ἐλαύνειν,

E, tendo-os visto atormentados no remar / quando remavam.

A oração aposiopésica: No desejo de expressar deprecação solene, promessa peremptória e negação incisiva, a forma de escrever hebréia lança mão de orações condicionais em que a apódose consta de declaração tal como: *Assim me [rei sírio Ben-Hadad] façam os deuses como lhes aprouver* (cf. I Reis 20,10a), e a prótase começa pela conjunção כִּן - *se* -, contendo a condição invocada: *Se o pó de Samaria bastar para encher as mãos de todo o povo que me [rei sírio Ben-Hadad] segue* (cf. I Reis 20,10b). Em se tratando da língua grega, esse modelo de construção truncada, com a conjunção εἰ no lugar de כִּן, aparece, por exemplo, nas palavras (enfaticamente negativas) de Cristo, em harmonia com Marcos 8,12:

εἰ δοθήσεται τῇ γενεᾷ ταύτῃ σημεῖον,

Se será dado um sinal a esta geração!

Constata-se tal ocorrência nas diversas tradições manuscritas do Novo Testamento grego, excetuando-se o *códice grego da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (manuscrito 2437)*. O copista responsável por este documento redigiu a oração da seguinte maneira:

οὐ δοθήσεται τῇ γενεᾷ ταύτῃ σημεῖον,

*Não será dado um sinal a esta geração.*²⁰

O pronome redundante: Aparecem sentenças no Evangelho de acordo com Marcos em que, usada a forma do pronome relativo, segue-se-lhe a inflexão de αὐτός, tautológica, em exata correspondência à fraseologia hebraica semelhante em que a partícula relativa indeclinável *que* - vem completada do vocábulo provido do sufixo pronominal conveniente ao sentido. Observa-se esse modismo, por exemplo, em 7,25, na oração: ἥς εἶχεν τὸ θυγάτριον²¹ αὐτῆς πνεῦμα ἀκάθαρτον, literalmente: *da qual tinha a filha dela um espírito imundo*, onde ao relativo ἥς - *da qual* – apende-se, repetitivo, o pronome pessoal αὐτῆς - *dela* -, à maneira da construção aramaica paralela. Um outro exemplo se faz presente em Marcos 1,7b:

οὐ οὐκ εἰμι ἱκανὸς λύσαι τὸν ἱμάντα τῶν ὑποδημάτων αὐτοῦ,

Do qual não sou digno de desatar as correias das suas alparcas.

²⁰ Aqui a Vulgata concorda com o código grego da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro: *Non dabitur generationi isti signum.*

²¹ Cf. o comentário da nota 9.

O pronome proleptico: A exemplo do aramaico, às vezes, por questão de ênfase, um pronome vem colocado antecipadamente nas orações. Lê-se esse emprego, por exemplo, nos trechos abaixo:

αὐτῷ τῷ δαμονιζωμένῳ,

A ele, ao endemoninhado (cf. 5,16);

ἐν τῇ δόξῃ τοῦ πατρὸς αὐτοῦ μετὰ τῶν ἀγγέλων τῶν ἁγίων,

Na glória do Pai dele (do seu Pai) e dos santos anjos (cf. 8,38).

O verbo e o complemento cognato: O modelo de construção, raro no aramaico e usado em Marcos, particularmente, nas sentenças proferidas por Jesus (talvez por influência da Septuaginta), é aquele em que a inflexão verbal aparece modificada por termo cognato ou afim. Atente-se para tais casos em:

4,12 - ἵνα βλέποντες βλέπωσιν καὶ μὴ ἴδωσιν, καὶ ἀκούοντες ἀκούωσιν καὶ μὴ συνιῶσιν,

Para que, olhando, olhem e não vejam; e ouvindo, ouçam e não entendam;

4,41 - καὶ ἐφοβήθησαν φόβον μέγαν,

E temeram com grande temor;

5,42 - καὶ ἐξέστησαν εὐθέως ἐκστάσει μεγάλη,

E ficaram, de pronto, profundamente assombrados.

O distributivo repeticional: Típica da fraseologia hebraico-aramaica a refletir-se na Septuaginta e a ocorrer, por vezes, em textos neotestamentários, é a

repetição do substantivo ou numeral, por vezes, preposicionados (ἀνά ou κατά) em acepção distributiva.

Vê-se tal distributivo repeticional nos textos de Marcos que seguem: δύο δύο - *de dois em dois* (cf. 6,7), συμπόσια συμπόσαι - *de grupos em grupos de convivas* (cf. 6,39), πρᾶσιαι πρᾶσιαι - *aos blocos, em magotes* (cf. 6,40) e εἷς κατὰ (καθ') εἷς - *um a um* (cf. 14,19).

Atingindo-se o final desse trecho, deduz-se: ainda que os debates sobre um original aramaico do Evangelho segundo Marcos perdurem até nossos dias, mostram-se incontestáveis as evidências de que suas sentenças e muitas de suas narrativas, na pior das hipóteses, moveram-se num ambiente de tradição semita. Essa é uma dedução de importância capital porquanto aponta para o inestimável valor histórico do livro. Aqui se deve também chamar a atenção para a inegável importância da *Crítica Textual do Novo Testamento Grego* no estudo e nas pesquisas desses aramaísmos / semitismos.

À guisa de conclusão

No que tange ao *códice grego da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro* (após criteriosa avaliação de *perícopes* que constituem o Segundo Evangelho), permite-se concluir que suas *leituras*, normalmente, são claras, completas, de compreensão fácil. Os traços lingüísticos supracitados evidenciam a singeleza literária própria à pena de Marcos e ressaltam características da coiné. Constata-se ainda que **não** existe fundamentação filológica para se afirmar que o particípio, o presente histórico e o imperfeito (embora também realcem traços desse idioma) se constituam numa feição peculiar ao estilo desse evangelista.²²

²² Como defendem, entre outros, HAWKINS, 1908:143-149, SWETE, 1927: L e TAYLOR, 1966: 68-69.

Referências Bibliográficas

- ALAND, K. *et al.* (Hg.). *Novum Testamentum Graece*. 27. Aufl. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1993. (Nestle-Aland²⁷)
- _____. *et al.* (Hg.). *Novum Testamentum Graece et Latine*. 27. Aufl. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1993. (Nestle-Aland²⁷).
- ALAND, K., ALAND, B. *Der Text des Neuen Testaments – Einführung in die wissenschaftlichen Ausgaben sowie in Theorie und Praxis der modernen Textkritik*. 2. Aufl. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1989.
- BACHMANN, H., SLABY, W. A. *Konkordanz zum Novum Testamentum Graece*. 3. Aufl. Berlin: Walter de Gruyter, 1987.
- BAUER, W., ALAND, K., ALAND, B. (Hg.). *Griechische-deutsches Wörterbuch zu den Schriften des Neuen Testaments und der frühlichen Literatur*. 6. Aufl. Berlin / New York: Walter de Gruyter, 1988.
- BLACK, M. *An Aramaic Approach to the Gospels and Acts*. 3. ed. Peabody: Hendrickson, 1967.
- BLASS, F., DEBRUNNER, A., REHKOPF, F. *Grammatik des neutestamentlichen Griechisch*. 17. Aufl. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1990.
- HAWKINS, J. C. *Horae Synopticae*. 2. ed. Grand Rapids: Baker Book House, 1908.
- MOULTON J. H. & HOWARD, W. F. *A Grammar of New Testament Greek*. 3. ed. v. 2. Edinburgh: T & T Clark, 1929.
- LAGRANGE, M-J. *Évangile selon Saint Marc*. 5. ed. Paris: J. Gabalda et C^{ie} Éditeurs, 1947.
- LETTINGA, J. P. *Grammaire de l'Hébreu Biblique*. Leiden: E. J. Brill, 1980.
- METZGER, B. M. *The Text of the New Testament - Its Transmission, Corruption, and Restoration*. 3. ed. New York/Oxford: Oxford University Press, 1992.
- MOULTON J. H. & HOWARD, W. F. *A Grammar of New Testament Greek*. 3. ed. v. 2. Edinburgh: T & T Clark, 1929.
- PAMPHILUS, E. *The Ecclesiastical History*. Transl. Christian Frederick Cruse. Grand Rapids: Baker Book House, 1989.

- ROBERTSON, A. T. *A Grammar of the Greek New Testament in the Light of Historical Research*. 4. ed. Nashville: Broadman, 1934.
- ROSENTHAL, F. *A Grammar of Biblical Aramaic*. Wiesbaden: Harrassowitz, 1983.
- SWETE, H. B. *The Gospel according to St. Mark*. 3. ed. London: Macmillan, 1927.
- TAYLOR, V. *The Gospel According to St. Mark*. 2. ed. London: St. Martin's, 1966.
- ZERWICK, M. *Biblical Greek Illustrated by Examples*. Roma: Editrice Pontificio Istituto Biblico, 1963.